

## **A GENEALOGIA NEGRO-BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA DE AUTORIA FEMININA NA LITERATURA DE CONCEIÇÃO EVARISTO: TEMPO, TEMPORALIDADE E ANCESTRALIDADE EM *OLHOS D'ÁGUA* (2018)**

Rayron Lennon Costa Sousa<sup>1</sup>  
Risoleta Viana de Freitas<sup>2</sup>

**RESUMO:** A literatura negro-brasileira contemporânea pode ser vista como umas das áreas mais profícuas para materializar a decolonialidade, pois, de maneira crescente, negras e negros passam a se autorrepresentar, autoficcionalizar e ficcionar suas realidades e as dos outros que, ao mesmo tempo em que são individuais, servem para o coletivo. A partir desse contexto, o texto literário de autoria feminina serve de mecanismo político e ideológico, alinhado à proposta decolonial, para a discussão de diversas epistemologias “Outras”. Tais questões justificam a tessitura deste texto, no qual objetivamos discutir o lugar do Tempo, da Temporalidade e da Ancestralidade como características dialógicas que se fundem nas representações literárias de Conceição Evaristo. Assim, temos como corpus, o conto *Olhos d’água* (2018), para pensar a genealogia feminina e materna negra. A metodologia é básica, precedida de revisão bibliográfica, caracterizada como análise-crítica, de natureza explicativa. No tocante ao aporte teórico, recorreremos às discussões de Moraes (2018), Rivera (2011), Proença Filho (2004), Ferreira (2014), etc. Intentamos relacionar o texto literário com a história, no tocante ao lugar do tempo, da temporalidade e da presença das ancestralidades para perceber a construção de uma narrativa que liga as mulheres pela sororidade e pela dororidade, partindo do que Evaristo, enquanto teórica, conceitua como Escrivivência.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura negro-brasileira; Autoria feminina; Olhos d’água; Conceição Evaristo; Escrivivência.

### **CONTEMPORARY AFRO-BRAZILIAN GENEALOGY OF FEMALE AUTHORSHIP IN CONCEIÇÃO EVARISTO'S LITERATURE: TIME, TEMPORALITY AND ANCESTRY IN *OLHOS D'ÁGUA* (2018)**

**ABSTRACT:** Contemporary Afro-Brazilian literature can be seen as one of the most fruitful areas to consolidate decoloniality, since Black women and men have, increasingly, started self-representing and self-fictionalizing, as well as fictionalizing their realities and the reality of those who are individual and, at the same time, it serves to the collective. In this context, the literature of female authorship serves as a political and ideological apparatus - aligned with the decolonial proposition - for the discussion of several “Other” epistemologies. These questions justify the structure of this paper, in which we aim to discuss the place of Time, Temporality and Ancestrality as dialogic characteristics that merge themselves into Conceição Evaristo's literary representations. Thus, we have as a corpus

<sup>1</sup> Doutorando em Letras, área de concentração em Literatura pela Universidade Federal do Piauí – UFPI. Docente do Curso de Linguagens e Códigos – UFMA; Membro do Grupo de Pesquisa em Literatura, Alteridade e Decolonialidade – GPLADE – UFMA/CNPq e do Grupo de Pesquisa em Literatura, Leitura e Ensino – UESPI.

<sup>2</sup> Doutoranda em Letras, área de concentração em Literatura pela Universidade Federal do Piauí – UFPI. Docente do Curso de Letras – UEMA. Membro do Grupo de Pesquisa Americanidades: lugar, diferença e violência – UFPI e do Grupo Tese, o labirinto e seu nome -UFPI.

the short story *Olhos d'água* (2018), in which we analyze the Black female and maternal genealogy. The methodology consists of a bibliographic review, characterized as a critical analysis of an explanatory nature. Regarding the theoretical basis, we reviewed the discussions of Moraes (2018), Rivera (2011), Proença Filho (2004), Ferreira (2014), and others. We intend to associate the literary subject with History, in regard to place and time, temporality and the presence of ancestrality, in order to understand the construction of a narrative that links Black women through sorority and their pain, starting from what Evaristo, as a theorist herself, conceptualizes as Writing-Living.

**KEYWORDS:** Afro-Brazilian literature; Female authorship; *Olhos d'água*; Conceição Evaristo; Writing-living.

## Introdução

A literatura negro-brasileira de autoria feminina tem sido bastante evocada como objeto de pesquisa nas últimas décadas. Parte deste despertar dá-se pela ascensão, contemporânea, de escritas negras que reescrevem o “cânone” com suas narrativas com forte teor testemunhal, autobiográfico e autoficcional, categorias essas em ascendência quando pensamos no universo dos estudos literários, dos estudos culturais e da crítica literária, agora, em uma perspectiva epistêmica decolonial.

Partindo desse projeto político-acadêmico, consideramos a assertiva que poucas foram as vozes que, analisando sob uma perspectiva historiográfica e literária, representaram o negro de forma positivada e/ou trouxeram-no como protagonista do texto literário, principalmente se considerar a produção de autoria feminina até as primeiras décadas do século XX. A partir desse contexto, a literatura negro-brasileira de autoria feminina resgata tais vozes perdidas entre os escritos canônicos, como é o caso de Maria Firmina dos Reis, e nos últimos anos, de Esperança Garcia etc., objetivando perceber os diversos matizes e perspectivas que serviram de âncora para suas escritas.

Contemporaneamente, temos um projeto literário cada vez mais se consolidando, encabeçado por mulheres que escrevem e que reverenciam suas ancestrais, dando vazão à produção literária nacional de autoria feminina, a saber: Conceição Evaristo, Ana Maria Gonçalves, Livia Natália, Jarid Arrais, Cristiane Sobral, dentre outras, cuja literatura tem uma característica comum – a genealogia feminina – uma árvore que tem como raiz uma mulher que segura na mão da outra e assim, em um movimento espiral e de escrevivências, categoria teórica essa criada pela escritora e crítica literária Conceição Evaristo, em que o sentido repousa entre a vida e a ficção, entre a autobiografia e autoficção, “[...]instituída pela potência da escritura (po)ética de novas maneiras de existir que não aquelas instituídas pelo histórico escravagista e colonial, mas buscando a criação de um campo simbólico que entrelaça história, memória e experiência.[...]” (BAROSSO, 2017, p. 23), protagonizam suas narrativas. Desse modo, é importante ratificar que uma mulher se liga a outra por uma existência

anterior, de mãe para filha e vice-versa, ou se colocando no lugar da outra, seja através da sororidade<sup>3</sup>, seja pela dororidade<sup>4</sup>.

A partir dessas especificidades, no universo da literatura negro-brasileira, objetivamos discutir o lugar do Tempo, da Temporalidade e da Ancestralidade na literatura de Conceição Evaristo, conhecida como teórica e como escritora negra que reverencia suas ancestrais pela cumplicidade e pela dor de serem mulheres e negras, a partir de uma perspectiva genealógica que se dá quando as personagens ligam-se umas às outras a partir de referenciais simbólicos compartilhados, no caso do conto em análise, a partir da cor dos olhos.

Enquanto metodologia, a natureza da pesquisa é básica, utilizando como método de pesquisa a análise-crítica, ancorada nas perspectivas da Literatura Comparada, que, para Sandra Nitrini (1994), volta-se para o problema do modo de ser da obra literária, de sua compreensão crítica e para uma série de assuntos afins, assertiva que direciona nossa análise, cujo diálogo dá-se de maneira mais proximal com a história. Assim, como *corpus* de análise, selecionamos o conto *Olhos d'água*, narrativa que intitula a coletânea de contos de Conceição Evaristo, publicada em 2014. Os contos que compõem essa coletânea têm como característica central o tempo - o passado para pensar o fugidio presente num processo de interrogar o futuro, trazendo para a narrativa os ancestrais que orientam a vida dos afrodescendentes num contexto afrodiaspórico difícil para os seus (EVARISTO, 2014).

No tocante ao aporte teórico, recorreremos às discussões de Moraes (2018), Rivera (2011), Proença Filho (2004), Ferreira (2014), dentre outros autores. Intentamos, a partir da análise traçada, relacionar o texto literário de Conceição Evaristo com a história, no tocante ao lugar da temporalidade, do tempo e da presença das ancestralidades na construção de uma narrativa, que parte do que a autora teoriza enquanto *escrevivência* – é vivendo, se vendo e vendo o outro como partícipe que mantém seu olhar pairando no passado e no presente, questionando-se sobre o futuro (EVARISTO, 2007) –, cuja produção de significados e sentidos partindo do literário repousa em um processo espiral de construção de uma genealogia de mãe para filha, que ecoa em uma pergunta: de que cor eram os olhos de minha mãe?

## Protagonismo afrodescendente na literatura brasileira contemporânea

Por meio de visão ocidentalizada acerca do fazer literário, o branco nos é apresentado como o civilizado, o detentor do conhecimento científico, do lugar de fala e da voz na/da narrativa. Já o negro, nativo ou escravizado, deslocado, tendo de construir

---

<sup>3</sup> Sororidade é uma das ações epistêmicas definida como a união e a aliança entre mulheres baseadas na empatia e companheirismo, em busca de alcançar objetivos em comum (SOUZA, 2016).

<sup>4</sup> Sororidade é um termo contemporâneo e seu conceito está na dor que somente as mulheres negras vivenciam e compartilham consigo mesmas, num movimento de solidariedade e cumplicidade. (PIEADA, 2017).

sua identidade em terras distintas, a partir de um movimento que conhecemos hoje como diaspórico, tornou-se presente na literatura, em uma perspectiva objetificada, silenciada e estigmatizada.

Em *O Cortiço*, obra naturalista de Aluísio de Azevedo, publicada em 1890, podemos observar tais aspectos. De um lado, o sobrado, onde moram João Romão e a classe burguesa; do outro, o cortiço, local compartilhado pelas pessoas de classe inferiorizada, dentre elas Bertoleza, escrava, empregada e amante do português João Romão; Rita Baiana, mulata sedutora, dentre outras personagens evidenciam o olhar estereotipado e silenciador do negro. A partir dessa análise, o cortiço nos é apresentado como espaço-personagem principal da narrativa, sendo o lugar onde o encontro de classes e de culturas acontece, demarcando a relação de superioridade e inferioridade entre seus moradores.

De acordo com Proença Filho, na relação negro/literatura, assim como a presença daquele no texto literário, “[...] evidenciam-se, na trajetória do discurso literário nacional, dois posicionamentos: a condição negra como objeto, numa visão distanciada, e o negro como sujeito, numa atitude compromissada” (PROENÇA FILHO, 2004, p. 161). Na obra de Azevedo, Bertoleza e Rita Baiana possuem a conotação objetificada, ambas servem para o trabalho doméstico e para satisfazer os anseios sexuais dos brancos, no caso em tela, dos portugueses João Romão e Miranda.

No tocante à figura do negro enquanto sujeito não estereotipado, não marginalizado e com atitudes compromissadas consigo, com as lutas pela autonomia e pela liberdade, o autor afirma que a literatura do negro – a escrita do negro e sobre o negro – tem início com Luís Gama, que, no poema “Bodarrada”, além de falar do amor por uma negra, percebemos a autoafirmação e uma relação de igualdade entre negros e brancos:

[...] Se negro sou, se sou bode,  
pouco importa. O que isto pode?  
Bodes há de toda a casta,  
pois que a espécie é muito vasta...  
Há cinzentos, há rajados,  
baios, pampas e malhados,  
bodes negros, bodes brancos,  
e, sejamos todos francos,  
uns plebeus e outros nobres,  
bodes ricos, bodes pobres,  
bodes sábios, importantes,  
e também alguns tratantes...  
Aqui, nesta boa terra,  
marram todos, tudo berra (GAMA, s/d, APUD CAMARGO, 1986, p. 14)<sup>5</sup>

<sup>5</sup> Luís Gama, apud Oswaldo de Camargo (org.), *A razão da chama*, São Paulo, GRD, 1986, p. 14.

Observamos no trecho poético de Luís Gama, que homens – negros, brancos, ricos, pobres, cinzentos, rajados etc. – personificados na figura do animal bode, não apenas coabitam o mesmo espaço, mas configuram como sujeitos iguais, de direitos iguais, todos fazem a mesma coisa, ‘berram’. Há homens de todos os tipos, isso não significa que uns são melhores e superiores a outros.

No final do século XVII e século XIX, embora seja evidente a presentificação da visão estereotipada e marginalizada do negro, começam a ser delineados outros caminhos, com posicionamentos engajados, revelando a luta e a resistência. As vozes negras (escritores/as negros/as) e a voz do negro (no texto literário) passam a ter notoriedade na literatura brasileira, como é o caso de Luís Gama, Solano Trindade, Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, dentre outros/as. Além da escrita literária, o projeto político-acadêmico decolonial utiliza-se dessas materialidades, especificamente das experiências da diáspora, para pensar a modernidade como um projeto de descolonização epistêmica, ou seja, começar a pensar as Américas a partir de suas próprias lógicas, fomentando suas próprias epistemes a partir das vozes de quem de fato vivenciou e vivencia o pós-colonialismo, partindo de uma análise histórica de formação do capitalismo a partir do colonialismo e sua expansão à globalização do século XX e XXI, conforme discorre o peruano Aníbal Quijano (2005), desde os meados de 1990.

Partindo do projeto de descolonização do pensamento, fazendo-nos pensar a partir de outra lógica que não a eurocêntrica, o subalterno pode falar a partir de seu lugar de fala, utilizando sua própria lógica, sua própria língua, refutando a ótica colonizadora desse subalterno não ter lugar de fala, não ser ouvido e nem ser levado a sério (SPIVAK, 2010). Desse modo, na contemporaneidade, diversas vozes de negros e de negras constituem o protagonismo afrodescendente na literatura brasileira, como é o caso de Élio Ferreira de Souza, Ana Maria Gonçalves, Conceição Evaristo, dentre outros/as<sup>6</sup>.

Elio Ferreira, nascido em Floriano (Piauí), em 1955, é poeta e ensaísta. Em sua produção literária, o poeta expressa a sua história de luta e resistência. Por meio da memória de sua ancestralidade, também fala da história dos seus antepassados negros e índios. Dentre as obras do autor, destacam-se os livros de poesia: *Canto sem viola* (1983), *Poemas de Nordeste* (1983), *Poemartelos: o ciclo de ferro* (1986), *O contra-lei*, (1984), *O Contra-lei e outros poemas* (1997), *América negra* (2004), *América negra e outros poemas afro-brasileiros* (2014).

Em *América negra e outros poemas afro-brasileiros*, livro publicado em 2014, Ferreira reúne diversos poemas que, segundo ele, são recitados “sob o acompanhamento de instrumentos musicais em roda de poesia, saraus, rádios, tv, salas de aula, em performances

---

<sup>6</sup> Os/as autores/as elencados/as aqui não encerram e/ou resumem a literatura de autoria negra. Tanto em uma perspectiva literária quanto teórica, observamos maior visibilidade do negro. Autoras como Livia Natália, Cristiane Sobral etc. produzem uma mudança de paradigmas e nos apresentam novas epistemologias em que o negro vem como protagonista.

de rua, bares, igrejas, quadras de esportes, rodas de capoeira, teatros, livrarias [...] etc”. (FERREIRA, 2014, p. 5). Observe abaixo trechos do poema “América negra”:

América negra (2)  
Américas,  
eu sou negro, negro  
cor de noite escura, negro  
como as noites sem lua no sertão.

Américas,  
vou lhes contar minha história:  
defendi minha casa,  
meu clã,  
minha aldeia,  
minha tribo,  
meu reino,  
minhas fronteiras, como pude.

Fui capturado a ferro, fogo e sangue.  
Me separaram de parentes, amigos,  
dos que falavam a minha língua.  
Me marcaram a ferro quente  
como se eu fosse um animal selvagem.

De mim,  
tiraram quase tudo:  
o nome da minha nação,  
o meu nome tribal,  
o nome de meu pai, mãe, irmãos  
e avós na base da porrada

Me deram um nome estranho:  
um nome cristão.  
Tentaram me desumanizar,  
Apagar meu passado:  
a memória dos meus ancestrais.  
[...] (FERREIRA, 2014, p. 29-30).

No poema, a voz do eu lírico em primeira pessoa, narra a história do sujeito negro, que se define como tal “eu sou negro, negro”. É uma história que ressoa a sua ancestralidade, entrecruzando passado e presente, quando enunciado “eu vou lhes contar a minha história [...] De mim, tiraram ‘quase’ tudo”, evidenciando o quanto o sujeito negro

necessitou e necessita lutar e desenvolver mecanismos de resistência contra as atitudes opressoras que caracterizam o sistema branco, dominante, escravagista. Essa literatura-denúncia é das questões mais sensíveis na materialidade em que se percebe a decolonização, porque surge desse sujeito historicamente subalternizado, cujo destino é pensado a partir de outras perspectivas que não correspondem com suas realidades, tampouco respondem pelo seu nome, mas ele, sujeito insurgente, não esquece sua matriz, resiste e reexistindo clama seus ancestrais como movimento genealógico.

O advérbio “quase”, no segundo verso da quarta estrofe, demarca que, embora a intenção do colonizador fosse desprover o negro de tudo aquilo que o constituía, tal ação não seria possível, tendo em vista que as memórias de um sujeito resistem ao tempo e lugares, possibilitando a ressignificação de si e dos seus antepassados, de sua história. O elo entre o negro e sua ancestralidade é a memória por meio da qual, o sujeito desprovido de nome, distante de sua terra-mãe, frente às tentativas de desumanização, de apagamento e silenciamento, resiste e vive, mesmo que incompleto.

Assim como Élio Ferreira, Ana Maria Gonçalves (2006) também produz uma literatura que expressa a vivência do negro, que denuncia, que reivindica olhares não estigmatizantes e estereotipadores. Do fazer literário da romancista, destaca-se o livro *Um defeito de cor*, publicado em (2006), o qual se centra na história do negro no Brasil. É pelo viés memorialístico que a voz da narrativa de Kehinde apresenta ao narrar a sua história desde a infância, passando pela travessia no Atlântico, chegada à Bahia e ao Rio de Janeiro na condição de escrava, bem como seu regresso à África e, posteriormente, ao Brasil, já no fim de sua vida. Eis uma passagem do romance:

[...] Ela tinha peitos pequenos, dentes brancos e a pele escura que brilhava ainda mais por causa do ori. A minha mãe cuidava dos meus cabelos e dos cabelos da Taiwo como cuidava dos dela, dividindo em muitas partes e prendendo rolinhos enfeitados com fitas coloridas, que comprava no mercado. O Kokumo apareceu correndo atrás dela e foi pego por um dos guerreiros, que o agarrou pela cintura e o levantou, até que ele ficasse com os pés balançando no ar. **Outro guerreiro pegou a minha mãe pelos braços e a apertou contra o próprio corpo, e, de imediato, o membro dele começou a crescer. Ele disse que queria se deitar com a minha mãe e ela cuspiu na cara dele.** (GONÇALVES, 2006, s/p, grifo nosso).

Kehinde, criança, mulher negra, ao tempo em que revela a beleza de sua mãe, fala da violência que ela sofreu, e que muitas outras mulheres ainda sofrem. Esse movimento de falar de si e de outras que sofrem as mesmas mazelas, é um movimento de solidariedade entre as mulheres, uma irmandade que, sob a ótica decolonial, conhecemos como sororidade – movimento feminista que rompe com a rivalidade feminina posta pela sociedade patriarcal (SOUZA, 2016). Assim, tem-se um corpo negro, objetificado, usado para atender

aos anseios do macho. Seguindo a leitura da obra, percebe-se que o preço do revide e da resistência recai sobre a própria vida. A mãe e o irmão de Kehinde revidam e morrem. Desse modo, as memórias da personagem são permeadas pela dor de perder a mãe e o irmão, pelo riozinho formado pelo sangue dos dois, pelo líquido esbranquiçado que jorrava do membro ereto do guerreiro em suas mãos, pela fuga de sua terra-mãe, dentre tantas outras circunstâncias de dor e luta que o negro experienciou/experiencia.

Percebe-se, então, que o enredo presente no livro de Ana Maria Gonçalves não fixa tão somente na cor da pele do sujeito negro, nem em sua etnia. Há vozes de negros afrodescendentes e cicatrizes oriundas das variadas experiências vividas – o aprisionamento, o tráfico, o navio, a diáspora, o Atlântico negro. A tessitura da narrativa apresentada pela narradora expressa a vida de sujeitos negros pelo olhar do próprio negro, não o ponto de vista em uma perspectiva ocidentalizada, tornando-se, autora e personagens, mulheres negras, protagonistas no fazer literário, rompendo com outras formas estruturais de colonização, considerando o histórico desse povo, de ter sido dominado e posto em situação natural de inferioridade a partir da ideia de raça, que justificou a dominação, cujos traços fenotípicos, linguísticos e culturais tornaram-se mecanismos de “justificativa”, segundo Quijano (2005) e Spivak (2010).

Ainda acerca do protagonismo negro na literatura brasileira na contemporaneidade, destaca-se a escritora mineira Conceição Evaristo. Dentre as produções literárias da autora, destacam-se: *Becos da memória* (2017), *Ponciá* (2006) e *Olhos d'água* (2018), publicados pela Pallas editora. Um marco caracterizador da escrita de Conceição Evaristo é o viés memorialístico presente em suas obras, o qual, por meio das personagens, traduz as mazelas, os dilemas, o preconceito, o desamparo de homens, mulheres e crianças negras residentes em favelas e becos.

Sem perder o caráter lírico, a autora, ao escrever acerca das vivências desses/as sujeitos/as, convida-nos à reflexão sobre vários problemas profundos que assolam grupos inferiorizados constituintes de grande parte da população brasileira, como podemos conferir no trecho que segue, da obra *Becos da memória*:

As tardes na favela costumavam ser amenas. Da janela de seu quarto caiado de branco, Maria-Nova contemplava o pôr-do-sol. Era muito bonito. Tudo tomava um tom avermelhado. A montanha lá longe, o mundo, a favela, os barracos. Um sentimento estranho agitava o peito de Maria-Nova. Um dia, não se sabia como, ela haveria de contar tudo aquilo ali. Contar as histórias dela e dos outros. Por isso ela ouvia tudo tão atentamente. Não perdia nada. Duas coisas ela gostava de colecionar: selos e as histórias que ouvia. Tinha selos de vários lugares do Brasil e de alguns lugares do mundo. Ganhava, achava, pedia. A igreja do bairro rico, ao lado da favela, era de uns padres estrangeiros. Maria-Nova lá ia pedir selos. Tio Tatão dava os mais lindos. Ele tinha ido à guerra. Tinha histórias também. Mas, das histórias com gosto de

sangue. Histórias boas, alegres e tristes eram as de Tio Totó e da tia, Maria-Velha. Aquelas histórias ela colecionava na cabeça e no fundo do coração, aquelas ali haveriam de repetir ainda [...]” (EVARISTO, 2017, p. 31-32).

Maria-Nova é “voz” feminina que conduz, pelo fio da memória dela e dos seus, a narrativa existente em *Becos da memória*. É através dela que temos conhecimentos das histórias de Maria-Velha, de Tio Totó, de Negro Alírio, de Bondade, etc., que compõem a tessitura da obra. Histórias que perpassam pela diáspora brasileira, pela violência que reina nas favelas, pela desigualdade social, miséria, fome, além de tantas outras mazelas que assolam a vida das classes menos favorecidas. Além da dor decorrente desses problemas, a menina coleciona selos e memórias, que simbolizavam e ressignificavam lugares e pessoas.

Segundo Evaristo (2017), a tessitura de *Becos* possibilitou perseguir uma escrevivência – escrita a partir das vivências –, que é basilar dela e de sua ancestralidade. Assim sendo, vemos que, na escrita literária dessa autora, como também em Elio Ferreira, Ana Maria Gonçalves e de tantos/as outros/as negros/as, há sujeitos/as negro/as com poder e lugar de fala, dando vozes a seus ancestrais e, conseqüentemente, possibilitando que gerações vindouras tenham vozes para falar de si, em um projeto decolonial de empoderamento político e literário.

Portanto, é a partir do conto homônimo presente na antologia *Olhos d’água* que as discussões do tópico seguinte serão desenvolvidas. Ademais, adiantamos que, reunida em quinze contos, nos quais diversas questões são abordadas – tais como discriminação racial, de classe e de gênero –, a antologia traz também as vozes de mulheres que expressam suas dores, suas dororidades, suas raízes, os dramas vividos/sofridos pela exclusão e pela travessia diaspórica em um Atlântico negro composto de lágrimas e de corpos negros, que ecoa aos seus os lamentos dos que não conseguiram resistir.

## **A genealogia negro-brasileira: tempo, temporalidade e ancestralidade em *Olhos d’água* (2018)**

O retorno ao passado, para os afrodescendentes, é uma tentativa de se recosturar a tessitura de suas identidades afrodiáspóricas. É uma volta necessária para entender-se e situar-se no mundo a partir de uma árvore genealógica, que tem como raiz o continente africano e todas as suas manifestações afrodiáspóricas, resultantes dos deslocamentos. Assim, a escrita em um Tempo, objetiva “demarcar” as temporalidades, trazendo, para a composição literária, as ancestralidades que habitam todos os desvios citadinos, onde nossos irmãos (negros e negras) co-existem, registrados pela sensibilidade estética de quem tem lugar de fala, de pertencimento étnico-raciais e que se utiliza de uma autoria singular para falar de si e de Outros que são, como discorre Frantz Fanon (1968), os condenados da terra.

A partir de um debruçar-se sobre o passado para reconstruir a história, relacionamos o texto literário de Conceição Evaristo segundo uma perspectiva afrodiáspórica e histórica para pensar a genealogia negro-brasileira a partir do Tempo, da Temporalidade e da Ancestralidade, conjugadas com a pergunta que ressoa durante todo o conto: "[...] De que cor eram os olhos de minha mãe? [...]" (EVARISTO, 2018, p. 15).

A produção literária de Conceição Evaristo, como mulher, negra, literata, crítica literária, militante, etc., ganha força imagética ao passo que se liga aos contextos sociais contemporâneas e, anterior a esses, ao percurso histórico-social dos afrodescendentes no Brasil. Na coletânea *Olhos d'água*, os choques sucessivos de realidades fazem-nos pensar como a literatura em todas as suas estranhezas e potencialidades torna-se o espelho da história do negro no país, tomando corpo através de uma literatura de forte teor testemunhal, às vezes autobiográfica, outras autoficcionais, mas embebidas de realidades. Nesta acepção, utilizando a metáfora do olhar, dos olhos, reflete o semblante triste e carregado de uma população que vive às margens, tendo sua genealogia estuprada todas as vezes que balas perdidas acham e lhes tiram as folhas de uma árvore sempre incompleta, pois não podemos esquecer-nos daqueles que ficaram pelo caminho, além do racismo estrutural e do genocídio que são diariamente vivenciados por eles, como podemos ler em outro conto que compõe a coletânea, *Zaita esqueceu de guardar os brinquedos*.

No conto em análise, *Olhos d'água*, que intitula seu livro, Evaristo calibra a palavra poética para que contemple, através de um processo de simbologias, o tempo presente como porta para pensar o tempo passado. Diante dessa assertiva, Deleuze em *Bergsonismo* (1999, p. 45-46), ratifica o que a escritora faz ao pontuar que “[...] cada presente remete a si mesmo como passado”.

Eu me lembrava também de algumas histórias da infância de minha mãe. Ela havia nascido em um lugar perdido no interior de Minas. Ali, as crianças andavam nuas até bem grandinhas. As meninas, assim que os seios começavam a brotar, ganhavam roupas antes dos meninos. Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância. [...] (EVARISTO, 2018, p. 16).

O tempo da infância da narradora, que se confunde com o tempo da infância de sua mãe, contempla uma discussão ancestral, pois o “espelhar-se” em um sujeito mais vivido é anterior justamente para entender o tempo presente e ratificar uma genealogia ímpar na construção de uma identidade cultural própria, que, via de regra, constitui-se individual e coletivamente como processo histórico de uma suposta co-existência. Nesse sentido, intenta-se pensar nas memórias como resultado de vivências nossas e de outrem, que ao mesmo tempo confundem-se.

Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (HALBWACHS, 2013, p. 39).

Para o autor, os acontecimentos comuns que estão em diálogo entre o eu e o outro, já que vivenciam os mesmos espaços e/ou grupos, corroboram para perceber a relação estrita entre o tempo e o mundo, que se dá através da recolha, dos empréstimos e da necessidade das várias linguagens – a literatura, a arte, o mito, a religião, a filosofia, etc. –, objetivando compreender suas condições enquanto sujeitos, bem como os limites de uma construção social feminina historicamente penetrada pela literatura. Diante dessas assertivas, Moreno afirma que “[...] Um dos conceitos mais importantes em todo o pensamento humano, a categoria do momento – o momento de ser, viver e criar – tem sido o enteado de todos os sistemas filosóficos universalmente conhecidos” (1975/2016, p. 155-156).

A efemeridade da vida é, desde os tempos mais remotos, uma preocupação. A partir dos gregos aos tempos atuais, a morte tem simbolizado não somente o fim de um ciclo orgânico e biológico, mas o resultado de diversos fatores. Nessa discussão, de ordem social, temos como exemplo real o genocídio de negros e negras nas favelas, nos quintais, nas margens, como descreve Carolina Maria de Jesus em *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (2019, p. 33):

Às oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de veludos, almofadas de cetim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo.

A narrativa de Carolina Maria de Jesus, escritora que inaugura, nos anos de 1960, a literatura periférica, é a mesma narrativa de negros e negras no Brasil do século XXI, situação que representa um total descaso resultado da falta de políticas públicas, de segurança, de saúde e de uma representação igualitária, pautada no princípio da equidade, fatos esses que não fazem parte da história oficial do país ou da imagem que é vendida para a comunidade internacional. Assim, é partindo do dia-a-dia de quem vive nos quartos de despejos das cidades, materializando as diversas violências sistêmicas no próprio corpo, que as escritoras tematizam a fome, já que é uma das mazelas mais recorrentes entre a população negra, conforme podemos analisar no trecho abaixo:

[...] quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar o sonho de comida [...] (EVARISTO, 2018, p. 16-17).

A partir dessa escrita, que se encaminha para um sentido universal de representação histórico-social de seu grupo étnico, o texto literário subsidia um mergulho em uma falsa temporalidade, pois a provisoriedade do estado de fome, coletivamente vivido pelos afrodescendentes no Brasil, torna-se materialidade literária identificada em diversas escritas e em diversos espaços, como pudemos perceber em Carolina Maria de Jesus e em Conceição Evaristo, de modo contrastante. Diante desse contexto, entendemos seu conceito como um tempo determinado, “provisório”, não seguindo a estrutura do tempo cronológico que estaciona na superficialidade. Evaristo, metaforicamente, relaciona a quantidade de chamas contrastando com o vazio prensado dentro da panela. Insinua a injustiça e uma das piores sensações aos mais frágeis “[...] ignorando nossas bocas infantis [...]” (EVARISTO, 2018, p. 17).

Sobre as temporalidades, Reñones (2008, APUD ROSADOS, 2018, p. 106) atesta que:

[...] a temporalidade que melhor explica o momento é o tempo mítico, que é um tempo sem tempo, e se aproxima da noção de eternidade. A eternidade não é uma sequência infinita de minutos, dias e anos, passados sem fim, para todo o sempre. A eternidade não se liga ao fluxo de tempo, nem na mitologia, nem na experiência.

A partir das discussões dos autores, o tempo coagula com várias temporalidades, experiências essas que destoam de um fluxo linear, rompendo as barreiras do óbvio. No tocante à ancestralidade, é sabido que, desde os navios de tráfico que chegaram ao Brasil, as religiões de matrizes africanas, bem como as diversas línguas étnicas, em sua maioria de raiz *Bantu*<sup>7</sup>, foram banidas e, quando podiam aparecer, sempre eram subalternizadas, colocadas para segundo plano. Assim, conjugadas com uma “narrativa” nacional branca e judaico-cristã (católica), essas manifestações foram e são demonizadas até os dias atuais, significadas como práticas do mal e bruxarias.

Lembro-me ainda do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas. Em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço. E com os olhos

---

<sup>7</sup> Bantu/Banto não é um grupo étnico, mas uma raiz linguística. Os bantos vieram para o Brasil nos navios de tráfico negro e eram oriundos especificamente do Congo, Angola e Moçambique.

alagados de prantos balbuciava rezas a Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós. [...] (EVARISTO, 2018, p. 17)

As lembranças da infância, cuja construção imagética parte da descrição das filhas e da mãe agarrando-se para suportar o medo da possível queda do barraco, ativa uma das memórias mais comuns – a memória religiosa, que se utiliza, nesses contextos populares, de uma linguagem clara, bem como da utilização de ditos populares e uso de símbolos (MORAES & SANTOS, 2018). Nessa acepção, considerando a presença da religiosidade desde as memórias de infância, cabe salientar que no Brasil tivemos um movimento tenso intitulado sincretismo religioso. Neste movimento, o *Candomblé*, religião que hoje é partícipe da identidade nacional afro-brasileira, foi encarado como bruxaria e perseguido, inclusive sendo reprimido pelo Estado através de forças policiais, desde os tempos de colonização até os contextos contemporâneos, como percebemos nos fatos noticiados: “Traficantes Evangélicos obrigam Mãe de Santo a quebrar seu templo”<sup>8</sup>.

Com as repressões por parte de um Estado longe de ser laico, os afro-brasileiros tiveram que seguir suas divindades e as cultuar secretamente. Diante disto, segundo Heidi Strecker (2006) “[...] quando rezavam em sua língua para Santa Bárbara, estavam cultuando *lansã*. Quando se dirigiam a Nossa Senhora da Conceição, estavam falando com Iemanjá”. O clamor por Santa Bárbara, *lansã*, uma entidade feminina, objetivando proteção, liga-as totalmente à simbologia dos olhos d’água. Não é qualquer entidade, é uma entidade que representa o ser feminino, uma mulher, cuja ancestralidade reside na conexão do presente projetando ou assegurando um futuro, entre mães, filhas e netas.

Em outro momento do conto em análise, Evaristo resgata esse fio ancestral conduzido por mulheres, ligando o tempo passado ao tempo presente, e este ao futuro, em um rito espiral:

[...] Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e de todas as mulheres de minha família. E, também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas as nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias. Mas de que cor eram os olhos de minha mãe? (EVARISTO, 2018, p. 18)

Em *Olhos d’água*, a narradora-personagem intradieética percorre toda a narrativa em busca da cor dos olhos de sua mãe e, para isso, recorre a diversas lembranças em busca dessa cor, que parece ter se perdido entre tantos momentos que soam, momentaneamente,

---

<sup>8</sup> Notícia datada de 15/09/2017, vinculada à página da Revista Fórum (Online). Disponível em: <https://revistaforum.com.br/brasil/traficantes-evangelicos-fazem-mae-de-santo-destruir-terreiro-em-nome-de-jesus-assista/>

como algo de maior importância. Porém, diversas vezes ela ratifica para si mesma a importância da mãe e que o fato de não se lembrar da cor de seus olhos não significa que tenha cortado totalmente o cordão umbilical, o vínculo ancestral.

Ao evocar suas entidades ancestrais, através dos cantos de louvor, discorre sobre o processo de colonização de sua África, com palavras e sangue. Ademais, confirma uma das características das culturas africanas – o matriarcado –, pois nossas referências culturais, sociais, políticas e filosóficas definem os discursos, cunham pensamentos, bem como as nossas ações.

Neste sentido, sobre a evocação do passado ancestral em uma temporalidade emergente, Halbwachs (2013, p. 72) discorre que,

Para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transportar a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente.

A partir do que discute o autor, compreendemos que não é possível rememorar sem instrumentos discursivos e simbólicos culturalmente compartilhados. Destarte, palavras e ideias que adornam os territórios servem de subsídio para que a memória, que, neste caso, é histórica, sirva de materialidade para o literário.

E foi então que, tomada pelo desespero por não me lembrar de que cor seriam os olhos de minha mãe, naquele momento resolvi deixar tudo e, no dia seguinte, voltar à cidade em que nasci. Eu precisava buscar o rosto de minha mãe, fixar o meu olhar no dela, para nunca mais esquecer a cor de seus olhos. Assim fiz. Voltei, aflita, mas satisfeita. Vivia a sensação de estar cumprindo um ritual, em que a oferenda aos Orixás deveria ser a descoberta da cor dos olhos de minha mãe. E quando, após longos dias de viagem para chegar à minha terra, pude contemplar extasiada os olhos de minha mãe, sabem o que vi? Sabem o que vi? (EVARISTO, 2018, p. 18)

O tempo do retorno, a tentativa de costurar-se à mãe através da volta à cidade que nasceu, para além do tempo cronológico marcado, é a continuação de um rito em que as ancestrais não permitem que o vínculo, aqui definido como genealógico, perca-se entre as obscuridades dos tempos. Naquele momento a narradora-personagem reconheceu tal tarefa “[...] a sensação de estar cumprindo um ritual, em que a oferenda aos Orixás deveria ser a descoberta da cor dos olhos de minha mãe [...]”. (EVARISTO, 2018, p. 18). A partir desse contexto, recorreremos às discussões sobre as relações entre a religião e o tempo:

Numa sociedade mutável, a religião transforma-se e tem como função relacionar o novo com o passado e incorporar este último às novidades. A mudança social ameaça a coerência. Para continuar existindo, uma sociedade depende tanto da transformação quanto da continuidade. Eis o paradoxo de toda sociedade viva. Quanto mais ela muda, mais precisa referir-se ao passado e quanto menos aparece no presente, mais é necessário colocá-lo como ponto de referência. (RIVERA, 2001, p.45)

Rivera pontua os efeitos das transformações sociais e da necessidade de continuidade, relacionando os tempos passado e presente, adequando-os para que sejam significados em suas essências. Ao discorrer que, quanto mais mutações a sociedade passar mais ela deverá recorrer ao passado em busca de referentes, trazemos para o cerne da questão a escrita de Conceição Evaristo, singularizada ao voltar ao passado para pensar os vínculos afetivos do presente e a tessitura genealógica feminina, conforme ratifica Walter Benjamin em *O anjo da história* (2010). Nessa obra, Benjamin metaforiza o quadro de Paul Klee *Angelus Novus*, para o qual dirige uma compreensão histórica – seu rosto está dirigido para o passado. Onde podemos observar um leque de acontecimentos, ele, o anjo, vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés.

A sensação e o *devoir* que a narradora pontua, ao relacionar a necessidade de lembrar-se da cor dos olhos da mãe com a oferenda aos Orixás, respondem pelas mudanças temporais pelas quais as pessoas passam, incluindo neste leque de possibilidades o sentimento de encontro com suas ancestralidades, o ligar-se às raízes ao contemplar os olhos de sua mãe. Diante desse interstício, coaduna-se o mundo íntimo ao mundo das tradições no seio da constituição e/ou rememoração dos fatos. Halbwachs, no tocante à ligação entre passado e presente, entende que,

Para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transportar a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente (2013, p. 72).

O processo de tomar emprestado para si momentos vividos por outrem responde pela ligação ancestral, neste conto em análise, pelas mulheres que, de mãos dadas, olham-se nos olhos para reverenciar e oferecer as suas matrizes. Sobre esses momentos, Moreno discorre que “[...] O momento não é um pedaço da História, mas a história é um pedaço do momento, *sub specie momenti*. Vivências impressionantes do passado se exteriorizam de alguma forma nas vivências atuais” (1993, p.86).

A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum. [...] Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha. Faço a brincadeira em que os olhos de uma se tornam o espelho para os olhos da outra. (EVARISTO, 2018, p. 19)

Ao contemplar os olhos da mãe, a cor refletia águas correntes – era cor de olhos d'água – águas dedicadas à Mãe Oxum, que é a mãe do amor, da ternura. Nesta acepção, a referenciação à entidade dar-se-á por ela ser a responsável por acolher durante as tempestades emocionais, segundo Heidi Strecker (S/D). Assim, temporalidade e tempo mítico fundem-se em um processo centralizado que chega a se aproximar da eternidade. Assim, neste contexto, a sensação de eterno não se aproxima do que dispomos enquanto experiência temporal. Destarte, considerando que as experiências afrodescendentes no Brasil, em termos de materialidade literária, religiosa e artística estão chegando aos diversos setores sociais, do ponto de vista da garantia ao direito de liberdade, tais encaminhamentos corroboram para a afirmação, representação e outras garantias de natureza social.

A história, em um recorte cronológico que se inicia com os primeiros navios de tráfico de escravos até os dias atuais reescreve-se, agora, com a voz e letra de quem sente na pele cotidianamente os reflexos de um arquétipo racial operante, que designou ao negro o lugar de subalternidade e de silenciamento(s). Entretanto, não se pode apagar o passado, mas se pode reescrever uma nova história, agora tendo no projeto decolonial a literatura negro-brasileira de autoria feminina reafirmando o lugar do negro na constituição do país, bem como as diversas áfricas que ilustram a nação, por meio de uma perspectiva afrodiaspórica e centrada nas experiências ancestrais.

E, enquanto jogava o olhar dela no meu, perguntou baixinho, mas tão baixinho, como se fosse uma pergunta para ela mesma, ou como estivesse buscando e encontrando a revelação de um mistério ou de um grande segredo. Eu escutei quando, sussurrando, minha filha falou:

– Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos? (EVARISTO, 2018, p. 19)

Conceição Evaristo finaliza o conto alterando as personagens, inicialmente uma narradora-personagem intradieética e sua mãe e, sequencialmente, essa narradora e sua filha, alternância que sinaliza aos leitores o tecer de histórias ancestrais, conjugados entre passado e presente, cuja sensação é uma genealogia espiral de mulheres que habitam as narrativas da escritora, como mulher e negra consciente de seu lugar e de sua força na/ a partir da literatura. Ademais, a narrativa encaminha-se para o ato da filha perceber nos olhos da mãe a umidade, que nos olhos de sua avó eram águas correntes.

Nesta acepção, a escrita contemporânea, que atravessa as experiências

afrodescendentes e afro-brasileiras, rompe com o silêncio, altera os arquétipos disseminados e conduz crianças em processo de formação de identidades a uma representação positivada. Para Agamben, esse movimento dá-se pela obscuridade com que a contemporaneidade se apresenta.

[...] contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar em seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o **escuro**. Todos os tempos são, para quem dele experimenta contemporaneidade, **obscuros**. Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa **obscuridade**, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas **trevas** do presente. (2009, p. 63, grifos nossos).

Portanto, é partindo de um projeto literário contemporâneo inscrito por mulheres negras, mergulhando a escrita nas trevas do presente, que Conceição Evaristo (2007) – utilizando-se de uma escrevivência que, para ela, é vivendo, se vendo e vendo o outro como sujeito –, mantém seu olhar no passado e no presente. Partindo de temporalidades e de um tempo cronológico, que muitas vezes não condizem com a narrativa posta, a autora traz para o centro da narrativa negro-brasileira o resgate do fio condutor de sua ancestralidade, fio a fio, de mãe para filha.

## Considerações finais

Desde o século XIX temos conhecimento da autoria feminina, movimento de escrita que a mulher negra cunhou para dar lugar a si própria e ao outro, vivendo, se vendo e vendo o outro como partícipe de um todo coletivo, excludente, misógino, de genocídio da população negra, etc., como bem fez Maria Firmina dos Reis ao publicar o primeiro romance abolicionista da literatura brasileira, *Úrsula* (1859). Nessa obra é que se iniciou um processo de representação positivada do negro, dando-lhe voz e protagonismo, bem como para pensar os trânsitos e a diáspora.

A partir do olhar visionário dessa maranhense, a literatura negro-brasileira, espelho da trajetória histórica, autobiográfica e autoficcional de afrodescendentes e afro-brasileiros, vem sendo escrita por diversas vozes que, através de uma relação entre temporalidades, territórios culturais e ancestralidades, (re)escrevem o cânone ao passo que são resgatadas, interpelando através de suas experiências e do outro, materialidade para uma literatura-verdade cada vez mais representativa, cujos limites ficcionais confundem-se com a autobiografia, como se percebe na literatura periférica de Carolina Maria de Jesus.

Destarte, considerando essas assertivas, o resgate de escritos que evidenciam o negro, seja através de uma representação positivada, seja através de um protagonismo, serve, historicamente, para pensarmos nossa construção sócio-histórica, bem como para uma noção de que as lacunas respondem por um apagamento. Nesse sentido, contemporaneamente, vemos com maior nitidez escritoras negras assumindo um lugar de

fala e escrevendo e se inscrevendo a partir deste, objetivando, via de regra, retratar e representar o que acontece/aconteceu dentro das favelas, nos limites da cor da pele, nos desvios citadinos onde habitam, co-existindo e reexistindo paralelamente à cidade, nas margens que pareciam nunca terem a oportunidade de serem ouvidas.

Carolina Maria de Jesus, Ana Maria Gonçalves, Lívia Natália, Cristiane Sobral, Conceição Evaristo, Jarid Arraes, entre outras vozes aguerridas e ecoantes, escreveram a literatura negro-brasileira de autoria feminina, conectadas por uma característica comum: a genealogia, de mãe para filha e da mãe para com suas ancestrais, ligadas pelo fio condutor do ser feminino, no olhar nos olhos da outra para se perceberem, sob um movimento de sororidade e dororidade.

No conto *Olhos d'água*, percebemos a genealogia que Conceição Evaristo faz questão de incutir em suas narrativas. Ademais, a pergunta que norteia o conto – “de que cor eram os olhos de minha mãe?” –, tem todo um sentido mítico-religioso, uma vez que a cor dos olhos de sua mãe é da cor de águas correntes, e os seus olhos são da cor de umidade. A ancestralidade mítico-religiosa é identificada quando a narradora entende que a busca pela cor dos olhos de sua mãe é quase um dever, uma oferenda aos Orixás. E quando olha nos olhos dela, diz que aquelas águas são rios calmos, águas de Mamãe Oxum, ratificando o lugar e a importância da ancestralidade feminina para a continuação da narrativa. Outro ponto importante é o lugar do tempo cronológico, que é linear, já que as temporalidades vêm com o ato de lembrar, cortes de tempo cronológico que soam como eternidade.

Portanto, em *Olhos d'água*, cuja autoria é de Conceição Evaristo, a cor dos olhos da mãe é o espelho da cor dos olhos da filha e, assim sucessivamente, em um processo de evocação de suas ancestrais que dão vazão ao *devenir*. Evaristo inaugura uma literatura negro-brasileira de autoria feminina que parte de uma categoria-chave, a *escrivência*, em que autobiografia, autoficção e ficção confundem-se em um processo genealógico que tem como centro um olhar para o passado para entender o tempo presente, por meio de um processo de reavistamento e enaltecimento de suas matrizes ancestrais como fundamentais para suas existências e reexistências.

## Referências bibliográficas

- AGAMBEN, GIORGIO. “O que é o Contemporâneo?” In: *O que é o Contemporâneo? e outros ensaios*. [tradutor Vinícius Nicastro Honesko]. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- BENJAMIN, Walter. *O anjo da história*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010.
- EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.) *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza, 2007.
- EVARISTO, Conceição. *Becos de memória*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2017.

- EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ :Pallas Míni, 2018.
- FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Civilização Brasileira, 1968.
- FERREIRA, Élio. *América negra e outros poemas afro-brasileiros*. São Paulo: Quilombhoje, 2014.
- GONÇALVES, A. M. *Um defeito de cor*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2019.
- MORAES, Gerson Leite. SANTOS, Robson da Silva. *A religião como memória e transmissão*. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 03, Ed. 12, Vol. 07, p. 05-18, Dezembro de 2018. ISSN:2448-0959
- MORENO, J. L. *Psicoterapia de grupo e psicodrama*. Campinas, SP: Editorial Psy, 1993.
- MORENO, J. L. *Psicodrama*. São Paulo, SP: Cultrix. (Trabalho original publicado em 1975), 2016.
- NITRINI, Sandra. *Teoria Literária e Literatura Comparada*. Estudos avançados, 1994.
- PROENÇA FILHO, Domício. *A trajetória do negro na literatura brasileira*. ESTUDOS AVANÇADOS 18 (50), 2004, p. 161-193. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n50/a17v1850.pdf>. Acesso em 12 de jun. 2019.
- QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. Em: Lander, E. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires, CLACSO. 2005.
- RIVERA, P. B. *Tradição, Transmissão e emoção religiosa – Sociologia do Protestantismo contemporâneo na América Latina*. São Paulo: Olho d'água, 2001.
- ROSADOS, D. S. *Em busca do momento: por uma teoria da temporalidade a partir da obra de Moreno*. Revista Brasileira de Psicodrama, v. 26, n. 2, 96-107, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicodrama/v26n2/v26n2a09.pdf>. Acesso em: 20 de dez. 2019.
- SOUZA, B. *Vamos juntas? O guia da sororidade para todas*. Rio de Janeiro: Galera Record, 2016.
- SPIVAK, G. C. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.
- STRECKER, Heidi. *Vocabulário brasileiro: Culturas africanas influenciaram nosso idioma*. Uol educação, 2006. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/cultura-brasileira/vocabulario-brasileiro-culturas-africanas-influenciaram-nosso-idioma.htm> >. Acesso em 05/12/2019.
- PIEDADE, Vilma. *Dororidade*. São Paulo: Editora Nós, 2017.

**Recebido em:** 23/06/2020

**Aceito em:** 23/06/2020

**Referência eletrônica:** SOUSA, Rayron Lennon Costa; FREITAS, Risoleta Viana de. A genealogia negro-brasileira contemporânea de autoria feminina na literatura de Conceição Evaristo: Tempo, Temporalidade e Ancestralidade em *Olhos d'água* (2018). *Criação & Crítica*, n. 29, p., mai. 2021. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em: dd mmm. aaaa.